

## ROTEIRO DeLeitura versão completa

### Contos MÁGICOS INDIANOS

#### ***A princesa que enganou a morte*** e outros contos

A leitura de contos tradicionais nos abre um caminho para desvendar a cultura dos povos. Neste caso, do povo indiano, tão distante da nossa cultura ocidental que nos leva, antes de mais nada, a destacar alguns pontos para não perdermos significações importantes. São eles:

– Estamos falando de contos maravilhosos da tradição oral indiana, extraídos das obras épicas: ***Mahabharata*** (*considerada a Ilíada* indiana), escritas por Vyâsa, cerca de 5 mil anos antes de nossa era, que tem como tema central a “Grande Guerra de Bharatha” e em torno do qual se tecem outros contos de sentido metafórico; e ***Ramayana*** (*a Odisséia* indiana), também escrita em forma de poema pelo poeta Valmiki. Acredita-se que ambos tenham chegado a registros mais definitivos no séc. II d.C., portanto, bem posteriores à oralidade e distantes de suas versões originais.

– Os contos mágicos e as fábulas indianas se disseminaram pela Europa medieval, introduzindo-se na Grécia clássica através da Pérsia, misturados à literatura árabe.

– A riqueza e o profundo misticismo da cultura indiana inspiraram uma literatura original e unificadora de crenças e valores. Muitos contrastes podem ser observados, porém, tratando-se de cultura e referências humanas, a diversidade não impede que encontremos elementos comuns às nossas crenças, nosso modo de ser, viver e imaginar. São narrativas maravilhosas e profundas que merecem ser conhecidas não apenas por sua beleza estética, mas por sua filosofia.

#### **Temática e estrutura narrativa**

Podemos identificar nos contos indianos Ritos de Iniciação e de Passagem caracterizados pelas tarefas e provas enfrentadas pelos personagens, representando seu crescimento pessoal e amadurecimento. Durante a trajetória, evidenciam-se as características dos deuses e o perfil e objetivo dos personagens. Estas condições, muitas vezes antagônicas, estabelecem o viés por onde o conto é narrado e criam relações de identificação ou negação com o leitor que vê, no percurso do herói, aspectos de sua vida pessoal.

Observa-se também que, a despeito da reverência aos deuses, o homem pode dialogar e quase duelar com eles. Pode expor seus ideais e vencer, desde que fundamentado na verdade e na justiça.



Outro dado importante é a condição feminina revelar uma falsa subordinação, pois embora a mulher tudo faça por amor ao seu marido ou companheiro, deixa evidente possuir força e determinação capazes de provocar mudanças importantes, pondo por terra a ideia de uma personalidade secundária e submissa.

### **Uma cultura de muitos deuses e sábios**

Não podemos deixar de destacar alguns de seus deuses, sobretudo os mencionados nestes contos selecionados:

#### ***Yama – O deus da Morte***

Yama, voluntariamente, parte para o outro mundo, a terra de seus antepassados; a Morte é seu reino. Ele pode condenar a alma tanto ao céu como ao inferno, baseando-se no equilíbrio do Karma. No papel de juiz, é também chamado de Dharmaraja, o deus da justiça. Yama carrega em sua mão um laço, o Yama Paasa, com o qual retira as almas de suas prisões mortais. A coruja e o pombo são os mensageiros de Yama. Os cães farejadores são seus emissários usuais.

#### ***Indra – o rei dos céus***

Indra é o rei do trovão e das tempestades. Diz-se que Indra não é propriamente um indivíduo, mas o nome genérico para o rei dos céus. Ao fazer certos sacrifícios e penitências, um mortal pode ascender ao paraíso e tornar-se rei dos céus até que outro o supere. Assim, Indra sempre teme por sua posição e permanece atento aos mortais que realizam penitências, cuidando para que eles não cumpram as condições para destroná-lo.

#### ***Varuna – o rei das águas***

Varuna é o rei dos oceanos e senhor da noite.

#### ***Agni – o deus do fogo***

*Fogo* – (em sânscrito *agni*, em latim *ignis*). Deificação do fogo celeste, do sol, da chama, da lâmpada, Agni é também mensageiro dos pedidos dos homens aos deuses.

#### ***Brahma – o deus criador***

É o criador do mundo material, tem características abstratas.

#### ***Surya – o deus do sol***

Tido como o olho de Deus, o rei de todos, calcula-se o tempo eterno a partir de seus movimentos. Simboliza a vida e vivifica todos os seres com calor e luz. No Oriente, quem ama a vida deve adorar o Sol.

#### ***Vayu – o deus do vento***

#### ***Dharma – o deus da justiça***

Seu significado espiritual é o “caminho para a verdade superior”; é a base das filosofias, crenças e práticas da Índia.

### ***Hanuman – o deus macaco***

Ele é o general do exército dos macacos, filho de Vayu, uma encarnação do poderoso deus Shiva. Hanuman é o fiel amigo de Rama, no Ramayana. O salvador de Sita.

### ***Shiva – o deus destruidor***

O Destruidor (ou o transformador, o renovador) – aquele que destrói para construir algo novo. Participa da Trimurti (trindade), junto com **Brahma**, o Criador, e **Vishnu**, o preservador.

### ***Vishnu – o deus da manutenção do Universo***

Manifestação direta do supremo, encarregado da Criação Cósmica. Sua esposa é Lakshmi, deusa da prosperidade e da sorte. Seu veículo é Garuda, a águia gigante.

## **Uma cultura carregada de simbologia**

*Floresta* – o verdadeiro santuário em estado natural; na Índia, local de retiro dos ascetas.

*Ervas* – símbolo de tudo o que é curativo e vivificante, restauram a saúde, a virilidade e a fecundidade.

*Frutos* – símbolo de abundância.

*Morte* – símbolo ambivalente. Designa o fim absoluto, mas também revelação e introdução em novas esferas; mudança profunda; iniciação.

*Templo* – reflexo do mundo divino; centro do mundo.

*Laço* – função régia; símbolo da força mística; justiça; poder.

*Palavra* – manifestação da inteligência na linguagem, na natureza dos seres e na criação contínua do universo; verdade e luz do ser.

*Cisne* – pode representar duas luzes: a do dia, solar e máscula; a da noite, lunar e feminina; quando faz a síntese das duas, torna-se andrógino. No extremo Oriente, representa elegância, nobreza, coragem. Como montaria de Brahma, simboliza a elevação do mundo visível para o céu do conhecimento.

*Dilúvio* – signo da germinação e da regeneração, sempre seguido de uma nova humanidade e de uma nova história. Purifica e regenera como o batismo e é decidido por uma consciência superior e soberana.

*Água* – fonte de vida; meio de purificação e regeneração.

*Cesto* – dentre outros significados, simboliza o corpo maternal; Moisés, Édipo e outros foram encontrados em cestos, entregues à correnteza.

*Peixe* – símbolo do elemento água. Cavalgadura de **Varuna**, está associado ao nascimento ou à restauração cíclica.

*Brinco* (fivela) – elo; autodefesa; proteção; identificação.

*Cervo* – árvore da vida; pureza; velocidade; temor.

*Lótus* – flor que desabrocha sobre as águas geralmente estagnadas; na espiritualidade indiana, porém, são tidas como algo puro, admirável, não maculado pelas águas; símbolo do crescimento espiritual. Seu botão fechado equivale à realização de possibilidades contidas no ser; o coração também é um lotus fechado.

*Serpente* – oposta e complementar ao homem. No plano humano é o símbolo duplo de alma e libido. Na Índia, representa fecundidade (mulheres que querem ter filhos adotam uma naja).

*Lágrima* – gota que morre; testemunho da dor.

*Ambrosia* – alimento da imortalidade é, como o néctar, um privilégio do Olimpo.

*Taça* – vaso da abundância; poção da imortalidade; seio materno.

*Sandália* – o substituto do corpo; meio de locomoção.

*Arco* – poder e força. O arco na mão de Shiva faz dele o emblema do poder de Deus.

*Flecha* – símbolo universal de ultrapassagem de condições normais; antecipação mental da conquista de um bem fora de alcance.

*Caça* – *matar o animal*: destruição da ignorância, das tendências nefastas; *perseguir o animal*: seguir seu rastro, busca espiritual.

*Bastão* (cajado) – arma mágica; apoio do pastor e do peregrino: eixo do mundo.

*Fogo* – paixões: amor e cólera.

*Lua* – renovação, poder, reflexo.

*Luz* – divindade, vida, felicidade.

### **Atividades sugeridas como aquecimento**

- Como primeiro passo, sugerimos que se faça um reconhecimento geográfico da região abrangida pela Índia e países vizinhos, salientando a noção de Oriente e Ocidente e levantando aspectos culturais e regionais mais importantes.
- Como o misticismo e a religião são relevantes na cultura e fundamentam diversos contos, introduzir noções relativas às principais crenças, à história política, ao sistema de castas e à imobilidade social que elas determinam.
- Apresentar imagens e fotos que revelem paisagem, templos, tipos físicos, vestimentas, objetos e outros dados, contextualizando o ambiente dos contos.

### **Uma interpretação possível**

Importante lembrar que os contos tradicionais de conteúdo mágico não são dirigidos a um público específico, mas a todas as pessoas. Seus primeiros ouvintes e leitores eram adultos. Suas histórias e personagens fazem referência à experiência humana, permitindo reflexões sobre nossa própria vida. Algumas adaptações, mais tarde, surgiram especialmente direcionadas aos pequenos (o que nos leva, muitas vezes, a crer estarem muito além da compreensão da

criança e serem violentos e cruéis). Na verdade, o que os contos trazem são elementos ficcionais que nos dão ferramentas para compreender nossos próprios conflitos – o que justificaria a sua sobrevivência e pertinência em qualquer tempo e lugar.

Diante da riqueza da mitologia indiana e das inúmeras transformações por que passaram tais narrativas, diante ainda das infinitas possibilidades de leitura, qualquer tentativa de análise deve ser encarada apenas como uma das leituras possíveis, como um caminho de interpretação – não único e definitivo – mas um exercício que nos permita desvendar seus conteúdos simbólicos e levar o leitor a estabelecer relações e a criar significados durante a leitura.

Vários teóricos definiram linhas mestras para a análise dos contos maravilhosos. Muito embora não criada especialmente para os contos orientais, para identificar alguns componentes, vamos utilizar a terminologia do linguista russo, Vladimir Propp, que distingue, na base morfológica dos contos de magia em geral, a existência de 31 funções dos personagens e elenca para eles 7 *esferas de ação*, a saber: *o antagonista* (ou malfeitor), *o doador* (ou provedor), *o auxiliar*, *a princesa e seu pai*, *o mandante*, *o herói*, *o falso herói*.

Para identificar elementos de cada conto, serão destacados: **deuses** e **símbolos**, função do personagem e sua *esfera de ação*, conforme aqui grafados.

*Mahabharatha*

**A princesa que enganou a morte** – A personagem central é Savitri, jovem bela e gentil que dá nome a versão original: *A história de Savitri*. Savitri se apaixona por Satyavan, o Verdadeiro, sem saber que paira sobre ele uma previsão cruel: sua vida será breve, logo Yama irá buscá-lo com seu laço. É Narada, o sábio, quem revela este fato a Savitri que, ainda assim, está determinada a ser sua esposa. O pai de Savitri, Aswapati, concorda com o casamento. Fala, então, com Dyumatsena, pai do rapaz, homem antes poderoso mas que, sem reino e sem visão, vive como um asceta. Savitri passa a viver com a família de Satyavan até que chega o dia de Yama cumprir a profecia. Savitri vai com o marido até a floresta sob o pretexto de ele colher ervas e frutas. Quando Yama se aproxima, ela dialoga com ele tentando convence-lo a poupar a vida do amado.

Destaques: **Yama; morte; laço; floresta, ervas, frutos; palavra**. Savitri é a *heroína*, Satyavan, o *herói-vítima*. Yama, o *antagonista* que, por poderoso e cumprindo uma ordem natural, causa o dano: laça a alma de Satyavan. Não se esconde e faz uso do seu laço com a autoridade de um deus. Porém, Savitri, inconformada, reage (reação do herói) e, contrariando a ideia de mulher submissa, combate com a força do amor e das palavras. Sua argumentação inteligente, justa, convincente leva Yama a desatar o laço, devolvendo a vida a Satyavan, além de restituir o reino e a visão a Dyumatsena (reparação do dano), passando de *antagonista* a *doador*. É o deus quem detém o meio mágico da transformação. Chama atenção neste conto o fato de, pelos méritos de Satyavan, ser o próprio Yama e não um de seus emissários a ir buscá-lo. Destaca-se, ainda, a atitude firme de Savitri que não hesita em travar um duelo verbal com Yama e dele sair vitoriosa (vitória).

**O nascimento de Bharata** – O rajá Dushyanta encontra na floresta o templo do brâmane Kanva. Lá conhece a linda Shakuntala que lhe conta a sua história. Filha adotiva de Kanva, abandonada pela mãe ao nascer, Shakuntala é filha de Vishnamitra e Menaka que, por ordem de Indra, o seduziu. Indra usou este artifício para evitar que Vishnamitra o superasse com suas penitências e tomasse o seu lugar. Dushyanta se encanta pela jovem e com ela tem um filho. Shakuntala impõe a condição de que seu filho seja herdeiro do trono e Dushyanta concorda. Anos depois, ao reivindicar o trono, Dushyanta rejeita mãe e filho. Trava-se a partir daí um diálogo, no qual Shakuntala enumera as virtudes de uma esposa e seu papel na vida de um homem. Diante de seus argumentos, os deuses interferem e exigem que Dushyanta aceite seu filho como herdeiro, dando a ele o nome de Bharata.

Destaques: **Indra; floresta; templo; palavra.** Shakuntala, *heroína* que vence seu *antagonista* (Dushyanta) a partir da argumentação e do bom uso da palavra. Além da coerência e da paixão com que defende o filho, Shakuntala – que é também *a princesa com uma tarefa difícil* – tem os deuses como *auxiliares*, determinando que o rajá aceite e sagre o filho seu herdeiro (*reparação do dano*), dando-lhe, então, (agora enquanto *doador*), o nome de Bharata.

**Nala e Damayanti** – Nala é um poderoso rajá que se apaixona por Damayanti, filha do também poderoso Bhima. Nala vê dois cisnes nos jardins do seu palácio e captura um deles; em troca da liberdade, o cisne promete fazer com que Damayanti retribua o amor de Nala. A profecia acontece, Damayanti ouve o cisne falar sobre Nala e por ele se apaixona. Triste e silenciosa, leva o pai a convocar todos os rajás para visitarem seu reino e disputarem a filha em casamento. A beleza de Damayanti, porém, seduz também os deuses. Indra, Agni, Varuna e Yama exigem que Nala seja o intermediário para que a jovem escolha um deles. Mesmo sofrendo, Nala não se nega e os deuses, para confundir a jovem, assumem a imagem de Nala. Ela, porém, os enfrenta e os derrota. Vencidos, os deuses acatam e se afastam, revelando a própria grandeza.

Destaques: **Indra, Agni, Varuna e Yama; cisne; palavras.** Neste caso, temos a *heroína e princesa* na figura de Damayanti, o *pai*, Bhima, que cria o confronto. Nala, o *herói*, sofre os *danos* causados pelos seus *antagonistas*, os deuses, no momento em que estes com ele rivalizam e fazem a *exigência* de que Nala interceda a favor deles. Mas vem, então, o *início da reação do herói* que tudo revela à *princesa*. Os *antagonistas* usam um *ardil* e assumem as feições de Nala para *ludibriar a sua vítima* que, segura, os enfrenta e desmascara (*combate/desmascaramento/vitória*). O amor prevalece e Nala e Damayanti se casam.

**Manu e o dilúvio indiano** – Manu é um grande sábio penitente que vive na floresta. Um dia, salva um peixe do riacho que, em troca, lhe promete recompensas. Uma delas: avisá-lo quando se aproximar a dissolução do universo. Seguindo sua orientação, Manu é salvo do dilúvio e dá início à criação de todos os seres. O peixe era a encarnação de Brahma, senhor das Criaturas. *O peixe (matsya) salva do dilúvio Manu, o legislador do ciclo presente.*

Destaques: **Brahma; dilúvio, água, peixe.** São vários os *antagonistas* que Manu, o *herói*, enfrenta em *combate*, até merecer sua recompensa e a *reparação dos danos*. O peixe atua como *doador*, responsável pelo *salvamento*. É ele o detentor do *meio mágico*. O conto é uma das inúmeras versões de diferentes povos e culturas sobre o dilúvio e o início das civilizações, todas muito semelhantes: uma divindade decide limpar a Terra de uma humanidade corrupta e escolhe um homem bom para construir uma arca e abrigar sua criação durante a inundação. Para a civilização ocidental, a história mais conhecida a respeito do dilúvio é a da *Arca de Noé*.

**Karna, o Moisés indiano** – Pritta, uma das esposas de Pandu, recebeu do sábio Durvasas um mantra capaz de levar ao amor um ser celestial. Pritta murmurou o mantra diante de Surya, o deus do sol. Os dois se apaixonaram e tiveram um filho: uma criança de olhos de leão, ombros de touro e os brincos celestiais de Surya. Pritha escondeu a criança e, um dia, colocou-o numa cesta de vime e soltou-o sobre as águas do rio. O menino foi adotado por Radha e recebeu o nome de Karna, poderoso arqueiro que mais tarde enfrentaria Arjuna.

Destaques: **Surya; cesto, água, brincos.** Esta (como indica o nome do conto) é uma das versões da história de Moisés, profeta israelita da Bíblia Hebraica (conhecida entre os cristãos como Antigo Testamento).

**Pandavas e Kauravas** – Pritha escolheu o rei Pandu como seu marido, guerreiro valente sobre o qual pairava a profecia de que, um dia, morreria nos braços de uma de suas esposas. Pandu apaixonou-se por Madri e fez dela sua segunda e favorita esposa. Depois de ferir mortalmente um veado que era, na verdade, um brâmane, Pandu recebeu a profecia e se pune vivendo isolado. A profecia se cumpre e Pandu morre na floresta, nos braços de Madri. As mulheres disputam para, seguindo costume da época, serem enterradas com o marido. A honra cabe a Madri que morre, na pira, abraçada ao seu senhor. Seus descendentes, Pandavas e Kauravas, travarão, anos depois, a Grande Guerra dos Bharatas.

Destaques: **Dharma, Vayu, Arjuna, Surya** (citados); **cervos** (veados) **Fogo** (pira). Mais uma vez, neste conto, observa-se a determinação obstinada das mulheres na defesa de seus direitos, princípios e sentimentos. A profecia, como *antagonista* maior, causa o dano, desta vez, não reparado por magias. Cumpre-se o esperado: Pandu morre.

**As idades do Universo** – Bhima, filho humano de Vayu, sai a procura da flor de lotus para presentear sua rainha. A flor rara nasce na região de Kuvera, num bosque protegido por demônios. Filho do vento, Bhima tudo abala como um furacão; agita árvores, assusta animais, até que acorda Hanumam. Este lhe conta sobre as idades do Universo e o deixa seguir em sua busca. O jovem luta e vence. Bebe da água do lago, colhe os lótus celestiais e os leva para a rainha.

Destaques: **Hanuman; bosque/floresta, flor de lotus, palavra.** Neste conto, o *herói* é Bhima, que enfrenta uma série de *antagonistas*, a começar pelos demônios que protegem o

bosque. O *herói* se submete a uma prova, os demônios representam uma proibição. Há um combate. Como *doador* e facilitador, surge o deus-macaco que, a princípio, se zanga, mas depois assume o dom da palavra e permite que Bhima realize a sua tarefa: o meio mágico passa às mãos do herói. A flor é colhida, a rainha – *princesa* – presenteada.

**O brâmane e sua noiva** – Mais um conto sobre o amor de um jovem por uma princesa: Pramadarva, a mais linda de todas as jovens mulheres, é picada pela serpente e morre, tornando-se, então, a mais bela entre todas as noivas mortas. Inconsolável, o jovem Ruru entra na floresta e chora até que os deuses enviam um emissário em seu socorro. É feita a proposta: desista da metade da sua vida em benefício de Pramadarva. Ruru, aceita. Yama permite. Desafio do herói superado, Pramadarva se torna a mais sorridente esposa entre todas as outras.

Destaques: **Yama; serpente, floresta, lágrima**. Mais uma vez, por amor, o *herói* supera um deus poderoso: é por amor que Yama, deus da morte, se comove e permite que a noiva volte à vida. O *antagonista* é a morte, simbolizada aí pelo mito da *serpente*. O *herói* reage com lágrimas e preces verdadeiras. Por seus méritos, os deuses (*doadores*, e portadores *dos meios mágicos*) concedem a realização do seu desejo (reparação do dano). O preço: anos de sua própria vida. Está feita a barganha possível.

**Garuda e a ambrosia** – Garuda, o rei das aves, roubou a ambrosia para livrar Diti, sua mãe, prisioneira dos demônios que impuseram esta condição para salvá-la. Tarefa difícil, pois o néctar guardado dentro de uma taça protegida por chamas terríveis. Mas Garuda tudo faz para salvar a própria mãe, vencendo os maiores desafios, sofrendo a perseguição dos deuses. O néctar é entregue aos demônios, mas Indra faz partir a taça com um raio.

Destaques: **Indra; ambrosia, taça, fogo**. Garuda, o *herói*, trava um violento combate com seus *antagonistas*, sofre a perseguição dos deuses, até que um trovão de Indra parte a taça e o nectar é derramado.

Ramayana

**Rama e Sita** – Rama é filho de Dasaratha com sua primeira esposa, Kausalya e, assim, seu herdeiro natural. Rama vai ser coroado, mas Kaikeyi, a outra esposa, cobra de Dasaratha uma promessa e exige que seu filho, Bharata, ocupe o trono e que Rama e sua esposa, Sita, vivam no exílio por 14 longos anos. Lakshmana, irmão de Rama, os acompanha. O rei morre, mas Bharata não assume o posto. Fiel a Rama, reina à distância mantendo sobre o trono o par de sandálias, simbolizando a presença e o poder de Rama. Os exilados penetram cada vez mais na floresta e visitam sábios e lugares sagrados. Após anos, retornam, renovados e maduros, recepcionados pelo povo, dando início a uma nova era.

Destaques: **Shiva e Vishnu**, deuses citados; **floresta, sandália, arco**. O *arco* quebrado por Rama representa o poder e a força suprema que ele é capaz de vencer e faz dele um *herói*. A

inveja faz com que Kaikevy (*antagonista*), mãe de Bharata (*doador*), trame um *ardil* contra o herói que, em respeito ao pai, não reage. *Acata a ordem*, o exílio, a penitência, penetra na densa floresta e volta amadurecido (crescimento pessoal depois da prova), renovado. Vence pela superação e *realização da tarefa difícil* que lhe foi imposta e pelo *reconhecimento*, reassumindo seu posto com pompas e honrarias (*regresso*).

Folclore

**Um santo verdadeiro** – Este conto fala sobre a soberba de um devoto diante de um eremita, verdadeiro sábio com alto grau de elevação. Grau que o devoto quer conquistar. Diante de um mantra que ele acha mal pronunciado, atreve-se a se julgar superior ao eremita, real conhecedor das coisas. Assim pensa até ver o sábio caminhando ao seu lado sobre as águas. Narrativa simples, extraída do folclore, sugere ensinamento. Traz em si uma **parábola**: imagem simbólica, dentro de relato de sentido próprio.

**A cama, a bolsa e a tigela** – Este conto do folclore, vem carregado de significados, alguns deles contidos no próprio conto, como os objetos do título: cama, bolsa, tigela. Assim, temos um príncipe que caça nas florestas, porém, é proibido pelos pais de sair de seus limites, há o medo de que ele conheça novos horizontes, encontre a princesa Labam. Princesa que é a *motivação* para que o herói transgrida a *proibição*. Nessa busca, ele encontra papagaios, formigas e leões (*doadores*) que ele primeiro salva e depois o ajudam, além de uma cama (transporte); uma bolsa (roupas, jóias, alimento); uma tigela (água), e de um **cajado**, objetos *mágicos* que serão seus *auxiliares* para enfrentar muitos desafios. Encontra também uma velha senhora (*auxiliar*) em uma cabana, que lhe pergunta de onde vem e para onde vai (tal qual faz a Baba-Yaga nos contos russos) e lhe dá abrigo. Ela lhe conta onde vive Labam, a *princesa* que à noite sobe ao telhado do castelo e brilha mais que a **lua**, iluminando o país inteiro (**luz**). O *príncipe* e *herói*, apaixonado, vence também os desafios (*carência, perseguição*) que lhe são impostos pelo *pai da princesa* (*antagonista*), mas consegue *recuperar as buscas*, casa com Labam e retorna à sua terra (*regresso*). Guarda com ele a cama, a bolsa e a tigela e, menciona o conto: *jamais usou seu cajado* (arma), *pois seu reino foi de paz*. Mas cabe a pergunta: teria ele conservado o cajado por simbolizar agora seu eixo de mundo?

**A cidade de Marfim** – Mais um conto do folclore que, como o anterior, inicia com um príncipe que pratica a arte do **arco e flecha**. Flecha que, acidentalmente, fere uma mulher e dá início ao *conflito*: o rajá expulsa o filho do reino. Com ele vai seu fiel amigo, filho do grão-vizir. Num lago dos arredores, o *príncipe* vê a imagem de uma fada. É a *princesa* Gulizar, por quem ele se apaixona perdidamente. Tem início uma *busca* cheia de percalços (*desafios, tarefa difícil*). No caminho, há uma cabana onde vive uma velha senhora que lhes dá abrigo (*auxiliar*). O maior

auxiliar do herói, porém, é o amigo que o acompanha. Embora sejam vários, podemos dizer que, num certo momento, o maior *antagonista*, passa a ser o ciúme doentio que Gulizar passa a ter do amigo, chegando a tramar contra a sua vida. De princesa amada ela passa a *antagonista*, causando uma reviravolta e um plano. A princesa é marcada com uma espátula quente (marcar a ferro e fogo?) o *malfeitor é desmascarado*, perdoado e tudo acaba bem com a volta do príncipe ao seu reino (*regresso*) e seu *casamento* com Gulizar.

### Atividades pós-leitura

- Geografia Física e Humana – relembrar características dos contos, situando semelhanças e diferenças culturais entre Oriente e Ocidente.
- Povos e Culturas – desenvolver pesquisas relacionadas a diferentes culturas, identificando semelhanças e contrastes.
- Signos e Símbolos – propor debates ou competições sobre os símbolos presentes no nosso cotidiano e na nossa cultura, buscando identificar seus vários significados;
- História e Religião – relacionar o conto *Manu e o dilúvio* com a Arca de Noé. Relacionar o conto *Karna, o Moisés indiano*, com a história e vida de Moisés.
- História Geral e do Brasil – desenvolver trabalhos e pesquisas relacionados à descoberta do *Caminho para as Índias*; à rota marítima dos descobrimentos; datas, personagens e motivações; as especiarias e outras riquezas etc.
- História Contemporânea – pesquisar sobre monumentos como, por exemplo, o **Taj Mahal**, recentemente anunciado como uma das Novas Sete Maravilhas do Mundo Moderno. Buscar a história de amor que costuma ser associada à sua construção.

### Filmes

#### **As Mil e Uma Noites** (*Alf Lailah Oua Lailah*)

DVD. Obra clássica da literatura, coleção de contos orientais (entre eles, indianos) compilados provavelmente entre os séculos XIII e XVI. Lançamento: 2006 – Direção: Steve Barron, (EUA-2000), 148 minutos, faixa etária 12 anos.

#### **Historia da Índia** (série de documentários)

DVD. BBC e Revista Vida Simples – do historiador inglês Michael Wood. Um passeio pela milenar cultura indiana: *Da Pré-História à Civilização; Espiritualidade no dia-a-dia; Rota das Especiarias e da Seda; Cheiros, Cores e Aromas que Atraíram Comerciantes; Rota da Seda; A Era de Ouro das Artes; Sincretismo Religioso; Do Domínio à Liberação*. Lançamento 2008, 330 min.

#### **Planeta Estranho – Índia Exótica** (documentário)

DVD. Do jornalista Arthur Veríssimo – Log on Editora.

### Bibliografia

- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- CORSO, Diana Lichtenstein e Mário. *Fadas no Divã*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2006.
- GOTLIB, Nadia Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2000.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária – Prosa I* – São Paulo: Cultrix, 1998 – 16ª. ed. rev.
- PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1984.
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa On-line*, disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?>

**ROTEIRO DeLeitura** elaborado pela socióloga e escritora *Sonia Salerno Forjaz*; Bacharel em Ciências Sociais pela FFLCH/USP; Licenciada pela FE/USP; Especialista em Português, Língua e Literatura pela UMESP; autora de literatura infanto-juvenil.